MOTIVAÇÕES PARA USO E ABUSO DA AUTOMEDICAÇÃO DE PSICOFÁRMACOS ENTRE A POPULAÇÃO BRASILEIRA

Lara Rodrigues Ribeiro
Sarah Mendes de Oliveira Muraoka
Lara Rodrigues Ribeiro- Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Atenas.
Sarah Mendes de Oliveira Muraoka- - Professor orientador do Cento Universitário Atenas.

RESUMO

A automedicação com psicofármacos tem se tornado uma prática crescente no Brasil. Tal conduta representa um risco significativo à saúde pública, especialmente entre jovens adultos, ao favorecer a dependência química, o uso inadequado de substâncias e o mascaramento de transtornos mentais que ainda não foram diagnosticados. Este estudo tem como objetivo compreender os fatores que motivam o uso e o abuso da automedicação com psicofármacos entre indivíduos de 20 a 29 anos, no município de Paracatu-MG, com intuito final da elaboração de estratégias de conscientização e prevenção. Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva com abordagem qualiquantitativa. Os dados foram coletados através de um questionário aplicado presencialmente em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município. O questionário a ser respondido continha perguntas fechadas, abertas e mistas, abordando o perfil sociodemográfico dos participantes, tipos de medicamentos utilizados, motivos para a automedicação, compreensão de riscos diante dessa prática e realidade pessoal do acesso à saúde mental. Os dados quantitativos foram analisados estatisticamente, e os dados qualitativos foram examinados por meio da análise de conteúdo. Espera-se que os resultados contribuam para identificação de padrões e causas do uso e abuso de psicofármacos sem prescrição médica, contribuindo na incrementação de políticas públicas de educação em saúde as quais estejam voltadas ao fortalecimento das redes de atenção em saúde mental.

***Palavras-chave**: Automedicação; Psicofármacos; Motivações.*

ABSTRACT

Self-medication with psychotropic drugs has become an increasingly common practice in Brazil. Such behavior represents a significant public health risk, especially among young adults, as it promotes chemical dependence, the inappropriate use of substances, and the masking of mental disorders that have not yet been diagnosed. The present study aims to understand the factors that motivate the use and abuse of self-medication with psychopharmaceuticals among individuals aged 20 to 29 in the municipality of Paracatu-MG, with the ultimate goal of developing awareness and prevention strategies. This is an exploratory-descriptive study with a quali-quantitative approach. Data were

collected through a questionnaire administered in person in Primary Health Care Units (UBS) in the municipality. The questionnaire contained closed, open, and mixed questions, addressing the participants' sociodemographic profile, types of medications used, reasons for self-medication, understanding of the risks related to this practice, and their personal reality regarding access to mental health care. Quantitative data were analyzed statistically, and qualitative data were examined through content analysis. The results are expected to contribute to the identification of patterns and causes of the use and abuse of psychotropic drugs without medical prescription, supporting the improvement of public health education policies aimed at strengthening mental health care networks.
***Keywords**: Self-medication; Psychotropic drugs; Motivations.*

INTRODUÇÃO

A automedicação trata-se do uso de medicamentos sem prescrição ou orientação de profissionais de saúde qualificados, sendo um comportamento comum em diversas sociedades, como no Brasil. Essa prática, que muitas vezes é motivada pela facilidade de acesso a medicamentos, pela repetição de tratamentos e pela busca de alívio rápido de sintomas, pode trazer sérios riscos à saúde, como reações adversas, interações medicamentosas e o mascaramento de doenças mais graves (CASTRO, et al., 2007). De acordo com KANTORSKI (2021), dentre os grupos mais vulneráveis à automedicação estão os estudantes universitários e profissionais da saúde, que, mesmo detendo conhecimento técnico, recorrem frequentemente a essas práticas como estratégias para enfrentar o estresse acadêmico e profissional. Tal fenômeno não se limita a essa população, sendo também observado entre idosos, sobretudo no uso de antidepressivos como fluoxetina e amitriptilina, o que demonstra a amplitude da automedicação em diversas faixas etárias (AGUIAR et al., 2016).

Os riscos associados ao uso indiscriminado de psicofármacos incluem o movimento rumo à dependência, efeitos colaterais adversos e o mascaramento de transtornos mentais não diagnosticados, além de contribuir para a cronificação de problemas de saúde mental. Dessa maneira, compreender as motivações que levam jovens adultos à automedicação torna-se essencial para a construção de estratégias educativas e preventivas as quais alertem ao uso racional de medicamentos e incentivem a busca por acompanhamento profissional. Nesse contexto, este estudo traz como objetivo compreender os fatores que motivam o uso e o abuso da automedicação com psicofármacos entre jovens em um município de Minas Gerais, a fim de propor ações de conscientização e prevenção.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, com abordagem quali-quantitativa. Realizou-se uma pesquisa com adultos entre 20 e 29 anos, residentes na cidade de Paracatu-MG, que frequentam as Unidades Básicas de Saúde (UBS), com coleta de dados durante os meses de junho, julho e agosto. O cenário foi de caráter presencial, utilizando questionários físicos, em folhas de papel,

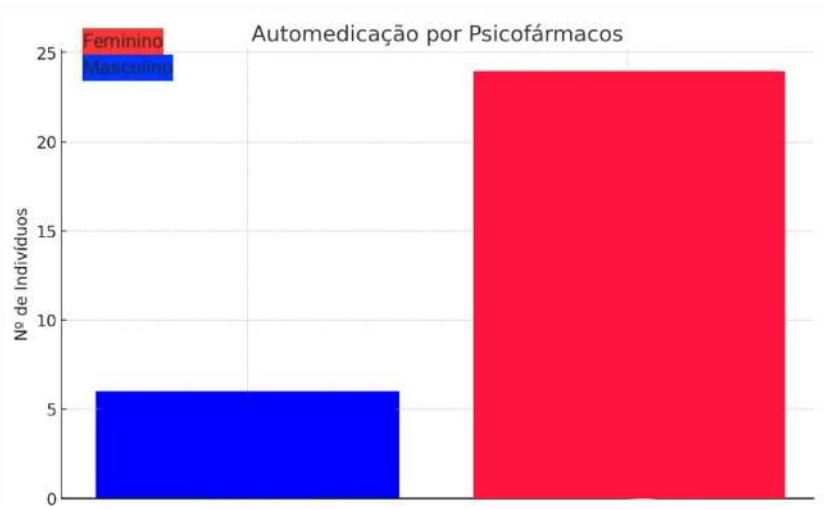
para serem respondidos dentro de um limite de tempo fornecido no momento da pesquisa, durante a espera do participante pela consulta na UBS. O questionário foi estruturado com perguntas fechadas, abertas e mistas, contendo seções sobre dados sociodemográficos, ocorrência ou não de prática de automedicação, tempo de ocorrência nos casos positivos, tipos de psicofármacos utilizados, motivações para o uso, conhecimento sobre riscos e percepção do acesso à saúde mental no município de residência. Foram incluídos os participantes dentro do critério de faixa etária estabelecido, presentes nas Unidades Básicas de Saúde do município no momento da pesquisa, que aceitaram participar e que estavam na sala de espera da UBS no momento da coleta. Foram excluídos da pesquisa participantes fora da faixa etária estabelecida, aqueles que não concluíram o questionário e pacientes que apresentaram duplicidade ou inconsistências nas respostas. Os dados obtidos foram analisados quantitativamente por meio de estatísticas descritivas de frequência e média, assim como por análises qualitativas e temáticas. O estudo atendeu aos princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 91100925.5.0000.5549; Parecer nº 7.790.278). Todos os participantes consentiram com o TCLE por meio de assinatura manual, antes de iniciar o questionário. A pesquisa envolveu risco mínimo, sendo este o possível desconforto em ser sincero nas respostas. Para minimizar tal efeito, a autora do projeto enfatizou que os dados contribuiriam unicamente para o benefício da ciência. Nos casos em que o participante se sentisse desconfortável e/ou inibido em responder às perguntas, houve acolhimento, e o pesquisador sanou todas as suas dúvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação com psicofármacos tem sido amplamente discutida na literatura. No presente estudo, os dados coletados entre jovens adultos de 20 a 29 anos, no município de Paracatu-MG, mostram-se consoantes ao que traz a literatura. Segundo BRITO et al. (2021), a facilidade de acesso aos medicamentos, aliada à percepção de que são soluções rápidas para problemas emocionais, contribui para seu uso indiscriminado. Tal similaridade oferece reforço positivo para os dados obtidos na pesquisa em questão e justifica não só o uso, como o abuso na prática.

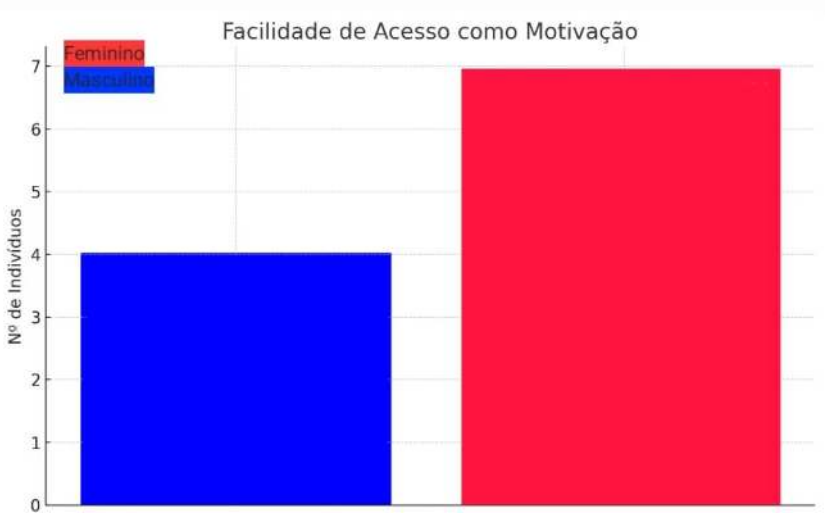
Dos 60 participantes da pesquisa, 10 eram homens e, destes, 6 relataram automedicação por psicofármacos, sendo que 67% apontaram a facilidade de acesso aos medicamentos como motivação. Entre as 50 participantes do sexo feminino, 24 relataram automedicação, e 29% delas indicaram a facilidade de acesso como motivação, ocupando o segundo lugar entre os motivos apresentados pelas mulheres. Em MELO et al. (2024) a pesquisa realizada com estudantes do curso de medicina e odontologia, ou seja, que englobam considerável número de participantes de mesma faixa etária deste presente estudo, relatou que a facilidade em obter psicofármacos, principalmente através de familiares e amigos, induz fortemente essa prática. Para além disso, existe uma distorção entre a percepção de benefícios e riscos, a qual fortalece a automedicação mesmo diante do conhecimento dos possíveis prejuízos.

Figura 1 – Automedicação por Psicofármacos.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 2: Facilidade de Acesso Como Motivação

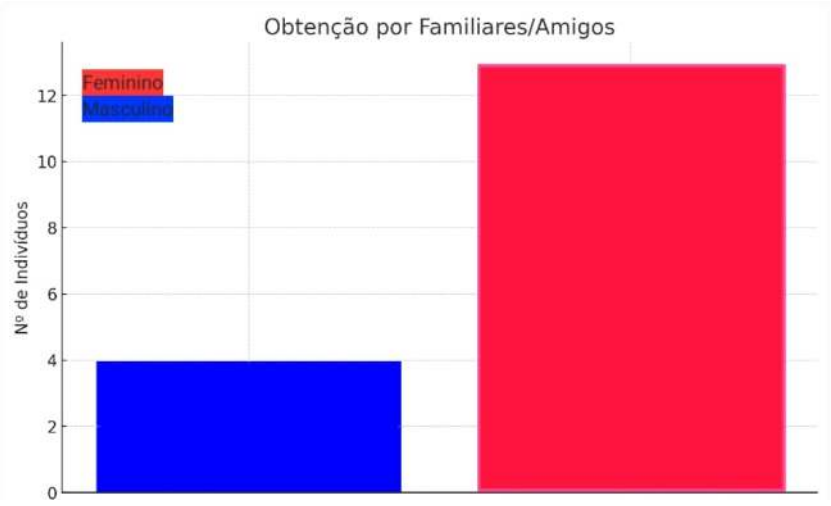


Fonte: Elaboração própria (2025).

Tanto para homens quanto para mulheres, tal motivação está em consonância com a forma pela qual os medicamentos chegam até esses usuários, uma vez que 66% dos homens que se

automedicam relatam obter psicofármacos por meio de familiares e amigos; entre as mulheres que se automedicam, 54% relatam a mesma fonte.

Figura 3: Obtenção por Familiares/Amigos



Fonte: Elaboração própria (2025).

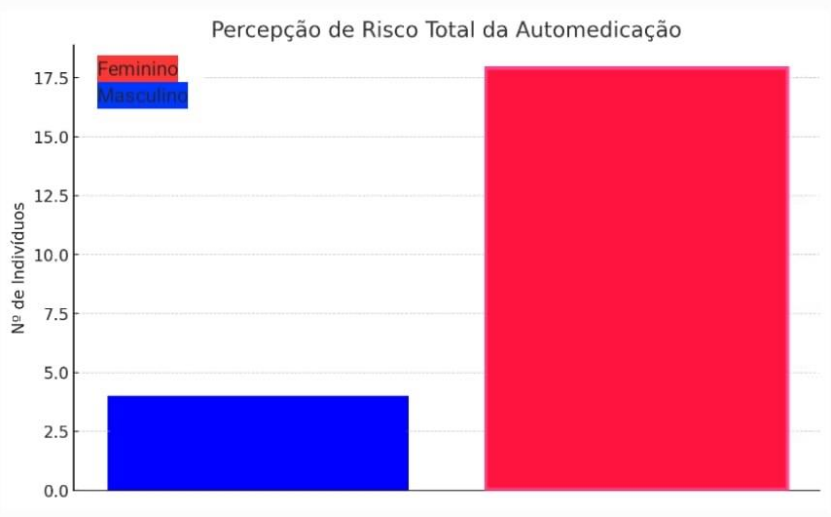
A principal motivação descrita pelas participantes do sexo feminino, alcançando 50% das respostas, foi a busca por alívio rápido dos sintomas. Não só em BRITO et al. (2021), mas também em FILLER et al. (2020), é possível observar a coerência desses achados, já que ambos os estudos enfatizam a busca por alívio rápido de sintomas emocionais como uma das principais razões para a automedicação com psicotrópicos. É plausível supor, com isso, que existe uma emergência em solucionar quadros de crises emocionais no exato momento em que ocorrem.

Em relação aos medicamentos declarados em uso pelos participantes da pesquisa, os ansiolíticos estiveram à frente entre os dados femininos que relataram automedicação, correspondendo a 67% dos casos. No sexo masculino, 67% dos participantes relataram o uso de estimulantes. Em ambos os sexos, há total concordância com OLIVEIRA et al. (2018), os quais descrevem maior uso de ansiolíticos entre mulheres e maior uso de substâncias psicoativas entre homens. Tais dados, ao concordarem entre si, supõem que o público feminino é mais atingido por quadros como ansiedade, enquanto o público masculino apresenta, ao contrário, a necessidade de mais estímulos.

Outra análise a ser feita, correlacionando a literatura com os dados do presente estudo, está relacionada à percepção de riscos acerca da automedicação. Tanto os homens quanto as mulheres apresentaram maior frequência de relatos de percepção total de risco em comparação à

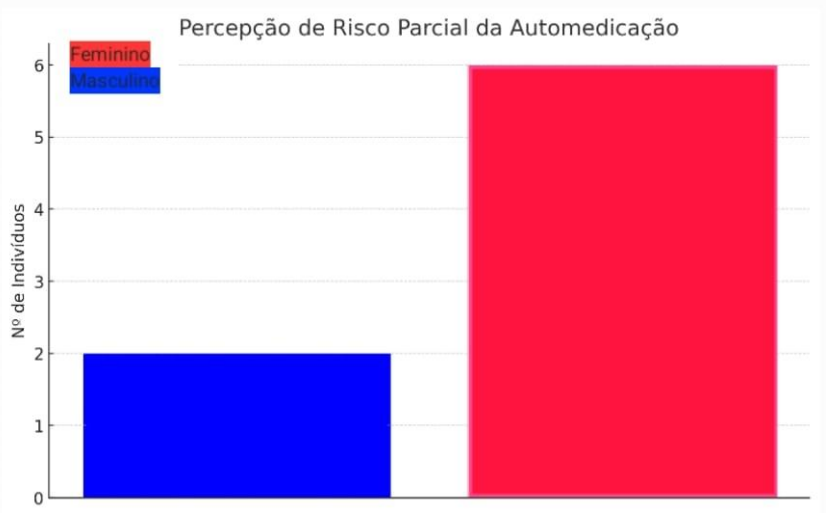
percepção parcial, sendo essa proporção de 4:2 no público masculino e de 18:6 no público feminino. Os achados corroboram com FILLER et al. (2020). Tais autores, em estudo descritivo realizado com jovens e adultos entre 18 a 35 anos, verificaram que a porcentagem de indivíduos com conhecimento dos riscos da automedicação supera significativamente a daqueles que não possuem tal conhecimento. Esses autores também destacam que existe predominância de indivíduos que buscam por informações sobre os medicamentos consumidos, como efeitos adversos e contraindicações. A automedicação, então, persiste mesmo na presença do conhecimento sobre os riscos, o que evidencia a influência de fatores estruturais nessa prática. CASTRO et al. (2007), inclusive, demonstram que entre estudantes e formandos da área da saúde, a autoconfiança e impressão de controle sobre a situação, fortalece a prática. Ou seja, o conhecimento sobre os riscos da automedicação, isoladamente, não evita a prática.

Figura 4: Percepção de Risco total da Automedicação



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 5: Percepção de Risco Parcial da Automedicação

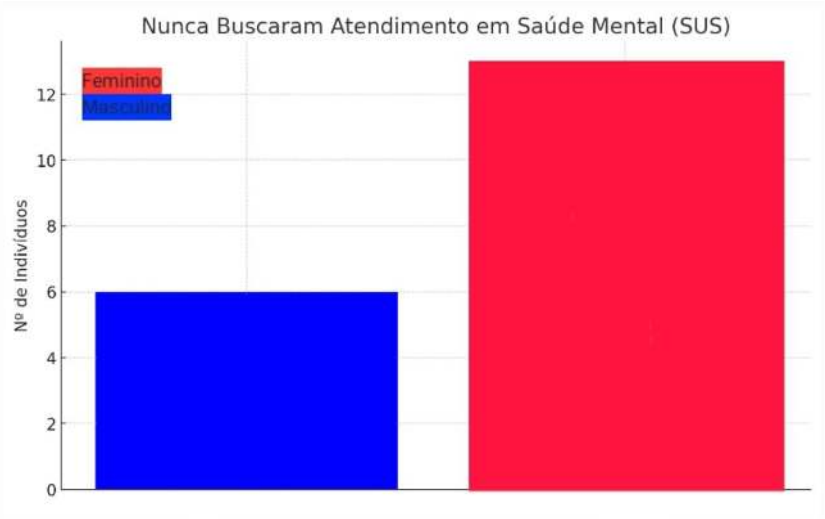


Fonte: Elaboração própria (2025).

Os dados obtidos também revelam um grave problema de acessibilidade ao atendimento em saúde mental pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Dos 6 homens que fazem uso de psicofármacos sem prescrição, 100% nunca buscaram esse tipo de atendimento público; entre as 24 mulheres, 54% também não o fizeram. Esses dados evidenciam uma grande falha no que tange aos serviços públicos voltados para a saúde mental, especialmente quanto à forma como a população percebe tais serviços e ao grau de disseminação e acessibilidade deles na sociedade.

Observa-se uma resistência na busca por esse tipo de atendimento público, uma vez que é compreendida, ainda que de forma implícita, a dificuldade em obter um acompanhamento adequado para tratar as queixas do paciente e seguir um protocolo apropriado. SILVA et al. (2018) apontam que, no que se refere ao acesso aos serviços de saúde, a demora para conseguir consulta médica influencia a prática da automedicação, o que também contribui para o uso de prescrições antigas que, em algum momento, já foram utilizadas.

Figura 6: Nunca Buscaram Atendimento em Saúde Mental (SUS)



Fonte: Elaboração própria (2025).

Portanto, a partir dos dados analisados, observa-se que a automedicação com psicofármacos entre jovens adultos segue um padrão já consolidado na literatura, influenciado pela facilidade de acesso e pela busca por alívio imediato dos sintomas. Mesmo com a percepção de risco, a prática persiste, reforçando a influência de fatores estruturais e sociais. Além disso, a baixa procura pelos serviços públicos de saúde mental evidencia fragilidades no SUS e a necessidade de reforço na oferta e na divulgação desses atendimentos. Assim, o estudo reafirma a necessidade de estratégias educacionais e de políticas públicas voltadas para o uso racional de psicofármacos e para a ampliação do acesso à saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, é evidente que a automedicação com psicofármacos é uma prática frequente entre jovens de 20 a 29 anos em Paracatu-MG, motivada principalmente pela busca de alívio rápido dos sintomas emocionais e pela facilidade de acesso aos medicamentos. Essa última motivação mostra-se coerente com as principais fontes de obtenção das medicações, que incluem familiares, amigos e prescrições antigas.

A pesquisa demonstrou que, mesmo com um número significativamente maior de participantes do sexo feminino, há coerência entre os resultados do público masculino e a literatura. Os resultados também evidenciaram que o nível de consciência sobre os riscos envolvidos na automedicação com psicotrópicos como dependência, efeitos adversos e atraso no diagnóstico de transtornos mentais não impedem a prática pelo público-alvo.

Em relação à percepção de risco, a consciência total supera em duas e três vezes a percepção parcial entre homens e mulheres, respectivamente. Tal resultado evidencia o envolvimento

de fatores estruturais na prática da automedicação, e não apenas motivações pessoais de cada usuário, reforçando a vulnerabilidade do público diante dessa questão.

Além disso, foi possível verificar dificuldades no acesso à saúde mental. Os achados referentes à busca pelo serviço público refletem a baixa expectativa da população quanto à resolução de seus problemas, o que reforça a necessidade de fortalecimento de ações educativas e de ampliação dos serviços psicológicos e psiquiátricos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. M. et al. **Uso de antidepressivos em idosos: análise de prescrições em Unidades Básicas de Saúde.** Cadernos de Saúde Pública, v. 32, n. 7, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp>.

BRITO, L. F. et al. **Automedicação de substâncias antidepressivas e benzodiazepínicas no Brasil: um desafio para a saúde mental**. Editora Licuri, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2021. Disponível em:<https://editoralicuri.com.br/index.php/ojs/article/view/405>.

CASTRO, H. C.; SANTOS, D. O.; RODRIGUES, C. R. **Automedicação: entendemos o risco?** Infarma - Ciências Farmacêuticas, v. 19, n. 11/12, p. 33–36, 2007. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/infarma/article/view/408>.

GÓIS E MELO, P. C.; ARAÚJO, A. F. L. L.; OLIVEIRA, M. C. S., et al. **Uso de psicofármacos sem prescrição médica entre acadêmicos de medicina e odontologia.** Revista RMRP (USP), 2024. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2024.198464

FILLER, L. N. et al. **Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação.** Psicologia e Saúde em Debate, v. 6, n. 2, p. 27-35, 2020. Disponível em: <https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N2A27>.

KANTORSKI, L. P. et al. **Psicotrópicos: uso por estudantes universitários antes e durante a pandemia de doença por coronavírus 2019.** Journal of Nursing and Health, v. 11, n. 4, 2021. Disponível em: https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/zbfh9.

OLIVEIRA, M. M. et al. **Automedicação de psicotrópicos em acadêmicos da área da saúde: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017.** Saúde e Pesquisa, v. 11, n. 3, p. 623-630, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6762>.

SILVA, R. A. et al. **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.** Cadernos de Saúde Coletiva, v. 26, n. 1, p. 69-76, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/65DK5G5dCrhCsWJZgWXBsmF/>.